

**Alocução do Prof. António Alberto Medina de Seíça
na sessão de abertura do ano lectivo 2000 / 2001**

(23 de Setembro de 2000)

Excelência Reverendíssima, Senhor Dom Albino Cleto,

Senhor Director,

Senhores Professores,

Caros Alunos,

Senhoras e Senhores.

Por bondade do Sr. P.e Augusto Frade e do restante corpo docente, cabe-me usar da palavra neste acto de abertura de mais um ano escolar da Escola Diocesana de Música Sacra de Coimbra.

Caros estudantes, ao olhar-vos, sentados nesses bancos, não posso deixar de recordar que, passam agora 10 anos, justamente, também eu ocupei um desses lugares — estava entre o primeiro grupo de alunos que vinha iniciar os seus estudos nesta Escola acabada de nascer. Foi um dia muito feliz para mim: finalmente, havia na Diocese uma Instituição a ministrar, em termos sistemáticos, formação litúrgica e musical, preparando, com honestidade e exigência, alguns dos agentes da pastoral litúrgica, sobretudo os chamados a realizar o ministério do canto e música (salmistas, cantores, directores de Coro, directores de Assembleia, organistas e outros instrumentistas). E tanta falta faz esta Escola à nossa Diocese! Pequenino mas autêntico oásis que pretende quebrar a secura de instaladas liturgias, epidérmicas nas suas expressões simbólicas, asfixiadas por um pseudo-catequético verbalismo desenfreado que tantas vezes deixa pouco espaço para que ressoe o único Verbo, Cristo Senhor Nosso. Liturgias em que mal se percebe ainda a função constitutiva, estruturante, do canto e da música: não se trata de um adorno, fungível nos seus conteúdos, nem de instrumento de angariação de militâncias. Liturgias em que, por isso, a preparação (quer remota, através da formação dos responsáveis directos pelo múnus litúrgico- musical, quer próxima de cada celebração concreta) é considerada assunto de somenos importância: desde que se cante qualquer coisinha gira (ainda que equívoca no plano doutrinal, ou eivada de um subjectivismo romântico), qualquer modinha mexida... (mesmo dissonante da nossa tradição cultural, ou, pior, musicalmente defeituosa), desde que se cante, pois, qualquer coisa, por muito distanciada que esteja do mistério concretamente celebrado, temos resolvido o problema!

Caríssimos alunos, viestes a esta Escola porque quereis servir a Igreja naquela que é «fonte e cume» de toda a sua acção pastoral: a sagrada liturgia. E digo-vos que tendes toda a legitimidade em exigir da mesma Igreja, que todos constituímos, os instrumentos de

formação necessários. Por certo, encontrareis obstáculos. Não serão só as vossas pessoais dificuldades em conciliar as obrigações familiares, profissionais, estudantis, com a frequência deste Curso. Mas, ainda, dificuldades decorrentes da incompreensão do vosso serviço eclesial, da recusa que poderá surgir aos caminhos que, em consequência da vossa aprendizagem, quiserdes introduzir na pastoral das vossas comunidades.

Exorto-vos a perseverar. E faço-o com as palavras que S. Pedro dirige a todos os cristãos e que, há muitos anos já, me servem de lema nas tarefas da pastoral litúrgica: «Estai sempre prontos a responder a quem vos perguntar a razão da vossa esperança» (I Ped. 3, 15). Dar razões do que fazemos, alicerçadas na competência, demonstradas pela prática, iluminadas com a caridade. Por isso, não bastam os conhecimentos técnicos, embora sem eles seja pouco valiosa a nossa acção. A técnica que aqui ireis receber não é o fim último da vossa preparação, antes, o meio para irdes mais fundo na vivência do mistério inatingível da Trindade revelado em Jesus Cristo, ontem, hoje e para sempre Salvador de todos os homens e do homem todo.